

---

## Diante das crises: efeitos de um regime de hiperconexão na comunicação contemporânea<sup>1</sup>

Jeferson Moreira GONÇALVES<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este texto é, em parte, resultado da dissertação para conclusão do Mestrado em Ciências da Comunicação pela Escolas de Comunicação de Artes da Universidade de São Paulo, no ano de 2022. O regime de hiperconexão, como conceito trabalhado na dissertação de mestrado, apresenta-se e se institui nas comunicações diante e a partir de diversos fatores. Busca-se, neste resumo expandido, tratar de algumas das crises propagadas e propagadoras de tal regime, em suas ordens sensoriais, psicossociais e comunicacionais, sobretudo, a partir da visão do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

**PALAVRAS-CHAVE:** crise; Byung-Chul Han; hiperconexão; comunicação.

### CORPO DO TEXTO:

De certa forma, nos parece que a palavra crise marca a nossa experiência na contemporaneidade. O diferencial de todas as outras crises marca-se na característica do atravessamento digital. A pandemia do COVID-19 foi atravessada pelo digital, a dificuldade de pessoas conseguirem acesso à distribuição de renda é atravessada pelo digital, as *fake news* são atravessadas pelo digital, nosso sofrimento psíquico também passa a ser atravessado pelo digital. Isso tudo porque o digital não é mais concebido de modo exterior a nossa vida, mas como componente de constituição.

Neste sentido, podemos observar que surge também uma crise da ordem dos sentidos, uma crise sensorial. Isso porque diante da infinitude de possibilidades ofertadas por dispositivos digitais, vemos nossos sentidos sendo configurados e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da ECA/USP, na linha de pesquisa Processos Comunicacionais: tecnologias, produção e consumos. E-mail: [jeferson.goncalves@usp.br](mailto:jeferson.goncalves@usp.br).

reconfigurados, marcando as adaptações características da experiência humana. Dentre os sentidos mais impactados, buscamos aqui a visão e o tato, que em certas experiências na mídia digital parecem entrar em uma perfeita sinestesia de prazer mediatizado. As telas marcam a ponte que separa o sujeito de seu objeto de prazer, não como um instrumento de distanciamento, mas como um artefato de proximidade. O toque é continuamente substituído pelo *touch*, alimentado pelo olhar cada vez mais excitado por um *feed*<sup>3</sup> interminável. Diante de inúmeras associações e diferenciações que o termo crise pode recorrer, ele também se mostra interessante para elucidar algumas questões que por vezes se apresentam como urgentes, já que as crises do Século XXI são digitalizadas, digitais e, também, *digitalizantes*.

Como Han (2022) nos esclarece: "eu me toco, eu me percebo, porém, apenas por meio do toque do outro. O outro é constitutivo para a formação de um si estável" (p. 44). A eliminação do outro e do estrangeiro acentuada pelo regime da hiperconexão cria novas dificuldades para a própria constituição do sujeito contemporâneo. O espelhamento constante nas mídias digitais leva à erosão, rompendo o prazer e o caráter erótico, usando a mesma analogia que Byung-Chul Han (2022) usa em sua obra. Neste espelhamento constante do eu, sobra apenas o pornográfico. Resta o que pode ser reproduzido, quantificado, difundido em um ritmo de produção, seguindo a lógica de valor de mercado.

A comunicação contemporânea no regime da hiperconexão é uma comunicação do eu e das telas, capaz de gerar o mais alto grau de potencialidade e performance aos seus agentes. Essas funções nos passam a ideia de facilidade da comunicação - o que quase rompe com o significado de crise -, que neste caso pode ser encarada como a positividade a que Han nos apresenta como a totalidade dos tempos atuais. Mostra-se tão fácil a ideia de comunicar no ciberespaço, já que estamos o tempo todo conectados, que isso é feito o tempo todo e estimulado o tempo todo.

A novidade da abundância da comunicação hiperconectada é a capacidade de

---

<sup>3</sup> O termo *feed* tem sua origem e significado do inglês, que seria "alimentar". *Feed* é uma palavra utilizada muitas vezes para se referir a página de um aplicativo, site ou portal, como por exemplo o feed de notícias ou feed do *Instagram*. Neste sentido, o tempo pode ser encarado como a tela, "tela do *Instagram*", sendo que ela é onde ocorre as interações dos usuários. É no feed que o usuário vê, consome, interage e produz dentro do digital. De maneira mais técnica, a partir do suporte do *Google*: "O feed é um fluxo de conteúdo que permite rolagem. O conteúdo é exibido em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro. Por exemplo, um feed pode ter conteúdo editorial (como uma lista de artigos ou notícias) ou fichas (uma lista de produtos ou serviços, entre outros)." Disponível em: <<https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR>> Acesso em 07/08/2022.

---

transformar seus agentes produtores de comunicação em operários das plataformas de comunicação digital. A extinção e a eliminação de tudo que rompe o comunicar é nociva ao capital e às práticas sociais vigentes, a frase "quem não é visto não é lembrado" é máxima no regime da hiperconexão. Na falta do toque, melhor seria "quem não desliza os dedos sobre a tela não existe".

A crise pela falta do toque, que pode ser vista como uma falta do outro, chega a ser paradoxal, já que temos a ilusão de estarmos muito próximos de todos nas mídias digitais. Parigi e Henson (2014) se baseiam no termo “*alone together*” para exemplificar como a tecnologia impede a profundidade dos relacionamentos entre os sujeitos. Suas pesquisas mostraram que as pessoas encontram companhia facilmente, mas estão exaustas pelas pressões do desempenho (PARIGI; HENSEN, 2014, p. 161), ressaltando a ideia do cansaço contemporâneo por conta do ideal de desempenho já analisado por Han (2017a, 2017b). Os meios digitais facilitam também a sensação de saber tudo que se passa na vida do outro, o que está relacionado ao medo de perder algo, ou - em termos mais contemporâneos - FOMO<sup>4</sup>. Giancesini e Birghi (2015, p. 32) argumentam que hoje podemos estar cientes do que acontece na vida de outras pessoas sem nem precisar interagir com elas, o que cria uma relação unilateral de interação capaz de ressaltar sentimentos de exclusão e inferioridade, em que podemos mais uma vez, neste caso, fantasiar não somente sobre o eu, mas também sobre o outro.

Johann Hari (2018) em seu livro *Lost Connections: Uncovering the real causes of depression*, argumenta que os casos de depressão e ansiedade são mais comuns em pessoas que mantêm menos vínculos sociais. É como se esses sentimentos patológicos estivessem mais presentes em pessoas com menos conexões com outras pessoas - o que nos faz questionar sobre o paradoxo das conexões virtuais. Hari (2018, p. 73) comenta que a solidão paira sobre nossa cultura hoje como uma poluição e argumenta se esse sentimento pode estar relacionado com o crescente número de casos de depressão e ansiedade. Para responder à questão, ele contata pesquisadores que há décadas estão se debruçando sobre a temática. Um deles é o pesquisador John Cacioppo, que após uma pesquisa feita com 135 pessoas, identificadas como muito solitárias, destacou que elas

---

<sup>4</sup> FOMO é uma expressão elaborada em 2000 pelo especialista de marketing Dan Herman. Posteriormente, os pesquisadores da Universidade de Harvard e Oxford, Patrick McGinnis e Andrew Przybylski, definiram o termo como um desejo do sujeito de estar sempre conectado a tudo que as outras pessoas estão fazendo, com receio de perder algo ou serem ultrapassados. Esse medo de perder algo na hiperconexão poderia acentuar casos de transtorno de ansiedade.

também eram ansiosas, tinham baixa autoestima e apresentavam inseguranças para convivência em grupo. O estudo foi chave para entender que a solidão não era simplesmente o resultado da depressão, mas que poderia levar a indícios depressivos: “A solidão, concluiu ele, está causando uma quantidade significativa de depressão e ansiedade em nossa sociedade” (HARI, 2018, p. 77). Associada à solidão, surge o cansaço diante da superexposição com os meios digitais, o que Han (2017a) observa ser um impedidor de estabelecimentos de relações mais intensas.

Ao passo que também não nos cabe demonizar os avanços tecnológicos que as mídias digitais nos proporcionam, como bem ressalta Santaella (2021), a predominância do *touch*, em lugar ao toque, representa talvez a nossa nova configuração social, mostrando uma nova *cara* da comunicação. Nos é evidente as facilidades e possibilidades de contato que a disseminação da comunicação digital nos trouxeram, especialmente nos anos marcados pela pandemia do COVID-19. *Lives*, *calls* e circulação de informações por aplicativos mensageiros tornam-se comuns na nossa vida cotidiana, configurando novas formas de ser e estar no mundo.

Em um jogo sensorial, tomamos a falta de toque também como um sintoma da falta de escuta. Apesar de se tratar de sentidos diferentes, neste âmbito da crítica proposta, caminham para um mesmo efeito nas comunicações. Han (2022) defende que no futuro haverá uma profissão de *escutador*, em que os sujeitos pagarão para serem escutados. Para ele, perdemos cada vez mais nossa capacidade de escuta por conta do foco crescente no ego e da *narcisificação* da sociedade.

A habilidade da escuta implica em um espaço para tal ação, implica em reconhecer o outro em sua alteridade e abrir espaço em sua própria esfera para ser adentrado pelo outro. Han (2022) diz que o escutar é um presentear o outro, no sentido de ofertar algo, dedicar-se sobre, além disso o escutar vem antes do falar, pois precede o reconhecimento do outro.

Em certo sentido, o escutar antecede a fala. Só o escutar traz o outro à fala. Eu já escuto antes que o outro fale. O escutar convida o outro a falar, liberta-o em sua alteridade. O escutador é um espaço de ressonância no qual o outro *fala livremente*. Assim, o escutar pode ser curativo. (HAN, 2022, p.124, grifo do autor).

O *shitstorm* (HAN, 2018) das mídias digitais não possui uma voz capaz de ser escutada. Compartilhamos mensagens em redes sociais, mas muitas vezes elas não

chegam a ser direcionadas a um outro escutador. Elas são, por vezes, manifestações narcísicas que fecham o circuito da discussão, gerando apenas espaço para uma dissolução de afetos. Esse *shitstorm* não constitui nenhuma esfera pública, como relembra Han (2022):

A comunicação digital me conecta, mas me isola ao mesmo tempo. Ela aniquila, de fato, a distância, mas a ausência de distância não produz ainda uma proximidade pessoal. [...] Sem a presença do outro, a comunicação se degrada em uma troca acelerada de informações. Ela não produz uma *relação*, mas sim apenas *conexão*. Ela é uma comunicação sem *vizinho*, sem nenhuma *proximidade* avizinhada. Escutar significa algo completamente diferente de troca de informações. (HAN, 2022, p. 129-130, grifos do autor).

A comunicação sem a escuta não é capaz de constituir uma comunidade, pois isso é impossível "sem vizinhança, sem escuta" (HAN, 2022, p. 130). A falta de comunidade caminha para a solidão e para o artifício neoliberal de culpabilização individual. Sem comunidade, o sofrimento é privatizado e individualizado. Também é fruto do neoliberalismo sem comunidade o impedimento da politização, que seria capaz de ocorrer em um espaço comunitário. "A politização significa a tradução do privado no público. Hoje, se dissolve, antes, o público no privado. A esfera pública se decompõe em espaços privados" (HAN, 2022, p. 131).

Como Bridle (2019) justifica sobre a importância da alfabetização sobre a tecnologia, é cada vez mais necessário pensar as novas tecnologias de outros modos e criticá-las, pois "se não entendemos como as tecnologias complexas funcionam, como os sistemas tecnológicos se interconectam e como os sistemas de sistemas interagem, ficamos impotentes dentro desses sistemas, e o potencial que eles têm é aprisionado de maneira ainda mais fácil pelas elites" (BRIDLE, 2019, p. 11). Bridle propõe uma reformulação no que aprendemos com e sobre a tecnologia, mostrando que é importante entendê-las, conhecer suas origens, seus limites e manipulá-las.

[...] se a filosofia é aquela fração do pensamento humano que lida com o que a ciência não pode explicar, então a alfabetização em sistemas é o pensamento que lida com um mundo que não é computável, embora reconheça que ele é irrevogavelmente moldado e animado pela computação (BRIDLE, 2019, p. 11-12).

Assim como Lipovetsky e Serroy bem pontuam:

[...] as telas não são responsáveis pelo grau de cultura ou de incultura que veiculam. É a utilização que se faz delas que está em pauta. Ignorá-las equivale a desligar-se do mundo tal qual como ele é, quando elas podem ser, por uma política que as otimize, um meio privilegiado de enriquecer os indivíduos e civilizar a *cultura mundo*. (2011, p. 184).

O caminho hoje das comunicações é encarar a dimensão dessas diversas crises, que ainda se apresentam aos campos de estudo, além da perspectiva crítica dos efeitos de cansaço e de desempenho característico que as próprias engrenagens das plataformas e dispositivos de comunicação digital reforçam. Não se apresenta como efetivo relutar aos avanços tecnológicos, mas sim encarar as dimensões do humano nos processos tecnológicos. Inserir os dilemas da humanidade dentro dos dilemas do digital, a partir e com o *touch*, para encarar o regime de hiperconexão como um atravessamento do sujeito contemporâneo, todos somos hoje sujeitos hiperconectados de alguma maneira.

## REFERÊNCIAS

- BRIDLE, James. **A nova idade das trevas**: A tecnologia e o fim do futuro. São Paulo: Todavia, 2019.
- GIANESINI, Giovanna; BRIGHI, Antonella Brighi. 2015. “Cyber- bullying in the Era of Digital Relationships: The Unique Role of Resilience and Emotion Regulation on Adolescents’ Adjustment”. **Sociological Studies of Children and Youth**, v. 19, p. 1-46, set. 2015.
- HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017b.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017a.
- HARI, Johann. **Lost Connections**: Uncovering the real causes of depression — and the unexpected solutions. Londres: Bloomsbury, 2018.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: respostas a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PARIGI, Paolo; HENSON, Warner. “Social Isolation in America”. **Annual Review of Sociology**, v. 40, p. 153-171, jan. 2014.
- SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiper-híbridos**: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.